

SOBRE SONHOS E HERÓIS

Bruno Vinícius Da Rós Bodart

Discurso proferido na solenidade de posse dos Juízes aprovados no XLV Concurso de Ingresso na Magistratura de Carreira do Estado do Rio de Janeiro

Excelentíssima Presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Desembargadora Leila Maria Carrilo Cavalcante Ribeiro Mariano, na pessoa de quem saúdo todos os demais magistrados desta Egrégia Casa de Justiça e agradeço pela nossa calorosa recepção em suas fileiras.

Excelentíssimos representantes do Ministério Público e da Ordem dos Advogados do Brasil.

Excelentíssimo Senhor Desembargador Sérgio Lúcio de Oliveira e Cruz, Presidente da Comissão do XLV Concurso para Ingresso na Magistratura de Carreira do Estado do Rio de Janeiro, na pessoa de quem cumprimento todos os demais integrantes da Comissão.

Ilustres colegas de concurso, a quem não apenas saúdo, mas também expresso a imensa honra de poder representar neste discurso.

Senhoras e senhores presentes.

Hoje celebramos um rito de passagem. Vinte e seis cidadãos e cidadãs tomam um caminho sem volta, levando na bagagem suas experiências, ideias e emoções, mas sabendo que, de agora em diante, suas vidas serão permanentemente transformadas. Ingressamos, neste momento, na vida pública, um rigoroso sacerdócio a que se submetem aqueles que

desejam oferecer tudo o que têm de melhor para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Digo, sem medo de errar, que esta data representa um marco, para cada um de nós empossandos, a partir do qual sonhos se tornam realidade. Sonhos que cultivamos e nutrimos desde muito antes da maratona de estudos que enfrentamos até aqui. Nossos familiares, de sangue e de afeto, são testemunhas de nossos sacrifícios e de nossas abdições diárias para cruzar uma linha de chegada que eles pensavam que estaríamos cruzando agora. Mas, sinto alertar, essa linha nunca irá chegar. Este é o início de uma trajetória ainda mais sacrificante, porém muito gratificante. Passam eles agora a dividir nossas atenções não apenas com os livros, mas também com os processos. E são eles, além disso, testemunhas de que esses sonhos nos acompanham desde cedo. O amor pela magistratura surgiu em cada empossando de uma forma totalmente particular, mas talvez muitas de suas histórias se identifiquem com a minha.

Nos últimos dias a minha querida mãe, aqui presente, me mostrou uma relíquia cuidadosamente guardada durante muitos anos. Era um trabalho escolar, assinado por mim no ano de 1992, em que respondi à clássica pergunta feita a todo aluno de primeira série: “O que você quer ser quando crescer?” A escrita, ainda trêmula, torna viva a imagem de um menino que há pouco havia aprendido a pôr suas ideias em papel. Costumamos imaginar que as crianças de seis anos admiram apenas os super-heróis e os jogadores de futebol. Qual não deve ter sido a surpresa da professora quando afirmei, com todas as letras, que queria ser “juiz de direito”.

Esse episódio demonstra a importância da figura do juiz para a sociedade, que pode ser compreendida até mesmo por meninos e meninas

que, entre uma brincadeira e outra, já constroem o seu senso de justiça. Sabem que em caso de dificuldade podem contar com seu pai e sua mãe, e que todos eles podem recorrer ao juiz. A expectativa sobre o Judiciário cresce e amadurece junto conosco, no mesmo passo que as nossas relações sociais se diversificam e expandem. E hoje, nós, que sonhávamos com o momento de vestir a toga, finalmente podemos juntar nossos esforços aos dos eminentes magistrados que nos inspiraram até aqui com a sua dedicação, na incansável tarefa de realizar a justiça. Enfrentaremos o desafio de satisfazer, além das nossas próprias expectativas, os anseios e necessidades da população. E é exatamente isso que torna a judicatura um ofício fascinante para aqueles que tanto a almejam.

Senhoras e senhores, o juiz pode até não ser um super-herói, mas dele se esperam certos atributos singulares, próprios daqueles que salvam vidas, reúnem famílias e combatem o crime. Recordo-me da frase com que o Professor Guido Calabresi, da Universidade de Yale (EUA) e também juiz, costuma expressar o quão especial é o labor do magistrado. Diz ele: “Para ser verdadeiramente bom, um juiz precisa de sabedoria, daquela sensibilidade que permite sopesar as coisas que não podem ser mensuradas”.

Ah, se todas as leis fossem como as de Newton e de Lavoisier! Certas, imutáveis e incontestáveis... As leis que aplicaremos são o exato inverso: equívocas, mudam a todo o tempo e são frequentemente contestadas. Os juízes, desses sim é exigida a precisão dos grandes cientistas, ainda que não cause estranheza o fato de que são feitos de carne e osso.

Já que estamos falando em super-heróis, vem a calhar uma bonita frase utilizada no filme do Homem-Aranha: “grandes poderes trazem

grandes responsabilidades”. Embora extraída do mundo fantasioso do cinema, a frase ilustra com precisão a tarefa que nos espera. Depende do juiz uma justiça que não tarda e não falha, ao mesmo tempo em que o jurisdicionado merece e espera de nós muita prudência e serenidade no ato de decidir. Se hoje realizamos um sonho, sabemos bem que amanhã são os sonhos de muitas outras pessoas que dependerão de nós para serem realizados.

Da mesma forma que os heróis dos quadrinhos e os grandes esportistas, o juiz serve de espelho e de inspiração para as pessoas ao seu redor, carregando a responsabilidade de honrar a sua toga dentro ou fora dos portões do Tribunal. Por isso, cada ato, bom ou ruim, pensado ou impensado, por menor que seja, será tomado como exemplo e compreendido como um reflexo de toda a instituição. O juiz fala, age e vive, em tempo integral, por toda a magistratura. O sacerdócio que hoje assumimos é realmente rigoroso, mas é precisamente desse sacerdócio que decorre o respeito de que gozam o magistrado e o Judiciário como um todo no meio social.

Por falar em respeito, também se espera que o juiz respeite invariavelmente advogados, promotores, partes, serventuários e todos os outros personagens do cotidiano forense. Deve saber que a autoridade se exerce sem autoritarismo, com cordialidade e polidez no trato com o próximo.

É mesmo curioso que eu tenha respondido que tinha o sonho de ser juiz de direito, considerando que o meu ídolo de infância era o grande Ayrton Senna, cuja morte acaba de completar 20 anos. Como todo brasileiro, eu admirava a sua coragem de se arriscar nas pistas sob fortes

chuvas – a sua especialidade, como sabemos – e a forma como dedicava a vitória ao país empunhando a bandeira verde e amarela ao vento.

Pois essa bravura em meio à tempestade também faz parte do ideário do magistrado que me inspirou a estar aqui. Todos esperam do juiz a coragem para enfrentar as pressões e descontentamentos a que um magistrado independente está sujeito. O juiz não deve se curvar, por mais poderosas que sejam as forças contrárias, e jamais deve se desviar do caminho retilíneo, via única de acesso à verdadeira justiça. Muito menos deve o juiz temer as más línguas e as críticas, porque o tempo, com a sua incomparável propriedade restauradora, será encarregado de mostrar as nossas virtudes e fazer justiça por nós, tal como fizemos pelos outros. Nas bem inspiradas palavras do eminente Ministro Luiz Fux, com quem tanto aprendi, “em um país onde os juízes temem, as sentenças valerão tanto quanto valem esses homens”. Neste púlpito, sou porta-voz do compromisso inarredável, meu e de meus colegas, com a justiça, e somente com ela, em cada caso que julgarmos.

É verdade, Senhoras e Senhores. A partir de hoje muita coisa muda em nossas vidas. Mas não o nosso desejo de fazer justiça. Não o compromisso com os nossos ideais e com a nossa sociedade. Não o nosso vigor constantemente renovado para assinar cada sentença como se fosse a primeira. E tudo isso pelos nossos sonhos, pelos seus sonhos, pelos sonhos de cada cidadão que deposita em nós a sua confiança. Tudo isso para que a atuação de um Judiciário forte e independente continue fazendo nascer em outras crianças sonhos tão belos quanto esses que nos movem. Muito obrigado.